

SEXO, FUTEBOL e



MARCELO NERI ECONOMISTA

ELEIÇÕES

O verdadeiro ápice futebolístico e eleitoral é bissexto. O espírito de técnicos futebolísticos e eleitorais dos 170 milhões brasileiros reaparece com a pontualidade de um cometa, a cada quatro anos. Eleições presidenciais e Copa do Mundo quando acontecem, viram obsessão de todos. São dos raros eventos da vida tupiniquim onde ricos e pobres são colocados em pé de igualdade. Mais do que socialmente democráticos, os resultados obtidos por mais inesperados que sejam, são gravados na História da nação. E como diz, o ditado popular, futebol (eleição) é uma caixinha de surpresas. Durante a copa e os pleitos, o inesperado e o transitório se tornam permanentes. Copa e eleições são os nossos derradeiros reality shows.



Estamos agora na fase em que a nação de técnicos de futebol sintoniza suas atenções nos programas e nos debates na TV. Os brasileiros, e neste caso também as brasileiras, se transformam, por dever de ofício, em analistas políticos. Intuitivamente,

acreditava-se que o sucesso na copa poderia favorecer o candidato oficial. A primeira surpresa pós-penta é que, apesar das inegáveis semelhanças palmeirense e de estilo entre Scolari e Serra, o sucesso do primeiro ainda não se refletiu nas intenções de voto do segundo. Embora, justiça seja feita, Felipão apenas disse ao que veio na hora-certa, a da copa. A segunda novidade é que a tese do quanto pior a economia, melhor para o candidato oficial, que explicaria a vitória de Fernando Henrique no primeiro turno de 1998, parece não fazer efeito agora. Isto apesar dos mercados financeiros nos avisarem em tempo real sobre os riscos de mudanças na política econômica.

Já Lula seria uma espécie de Bambam, o vencedor do primeiro programa Big Brother da Globo, que de tanto entrar em

e o PT calçava as suas primeiras chuteiras. O que os críticos de Ciro tentam, é apontar falhas comparáveis àquelas presentes na medíocre seleção de 1990, ano da recessão de Collor. O último jogo da seleção comandado por Felipão no Ceará, terra de Ciro, foi um bom laboratório sobre as intensas relações entre futebol e eleição.

Na perspectiva dos candidatos, o fundamental é o segundo turno, que como dizem os especialistas é uma nova eleição. Mal-comparando, o segundo turno está para a Copa do Mundo assim como o primeiro turno está para as eliminatórias. Enquanto mesmo para nós brasileiros, que abominamos o *status* de vice-campeões, uma suada classificação nas eliminatórias pode ser a chave do sucesso futuro. Já na etapa final só o título interessa. Em outras palavras, eliminatória é eliminatória e copa é copa. Os argentinos que o digam.

Analisamos os dados do TSE relativos às eleições municipais de 2000 como indicativos da eleição de 2002. Tudo bem, pode-se argumentar que as eleições municipais não possuem a mesma conotação ou importância das majoritárias, constituindo uma espécie de Copa América do calendário eleitoral.

MAL-COMPARANDO, O SEGUNDO TURNO ESTÁ PARA A COPA DO MUNDO ASSIM COMO O PRIMEIRO TURNO ESTÁ PARA AS ELIMINATÓRIAS

disputas apertadas ganhou a simpatia e a intimidade dos telespectadores. Lula se tornou um atleta-profissional dos pleitos presidenciais, difícil de ser superado. À medida que a chegada de Lula ao segundo turno é certa, a questão é o que será então de Lula?: um Bambam cuja persistência na adversidade leva ao triunfo final ou um São Caetano, time do ABC paulista, que ganha com louvor todas batalhas para perder a guerra na final?

Já o sucesso recente de Ciro talvez seja explicado por conseguir passar ao eleitor a segurança e o preparo de quem já foi governo na época da *boom* do Real, associado ao carisma e discurso de quem está na oposição. Neste sentido Ciro seria uma mistura de Serra e Lula em proporções idealmente combinadas (Sela?). Embora seus críticos serristas que vêem fortes semelhanças de Ciro com um ex-presidente, achariam Cilla um apelido mais adequado.

Voltando às analogias futebolísticas, Ciro tenta, como Felipão, que declarou a ele seu voto, combinar em seu discurso político a capacidade defensiva da seleção de 1994, quando ele estava ministro do Real, ao poder ofensivo e a criatividade da seleção de 1982, época em que "Fora FMI" era a ordem do dia

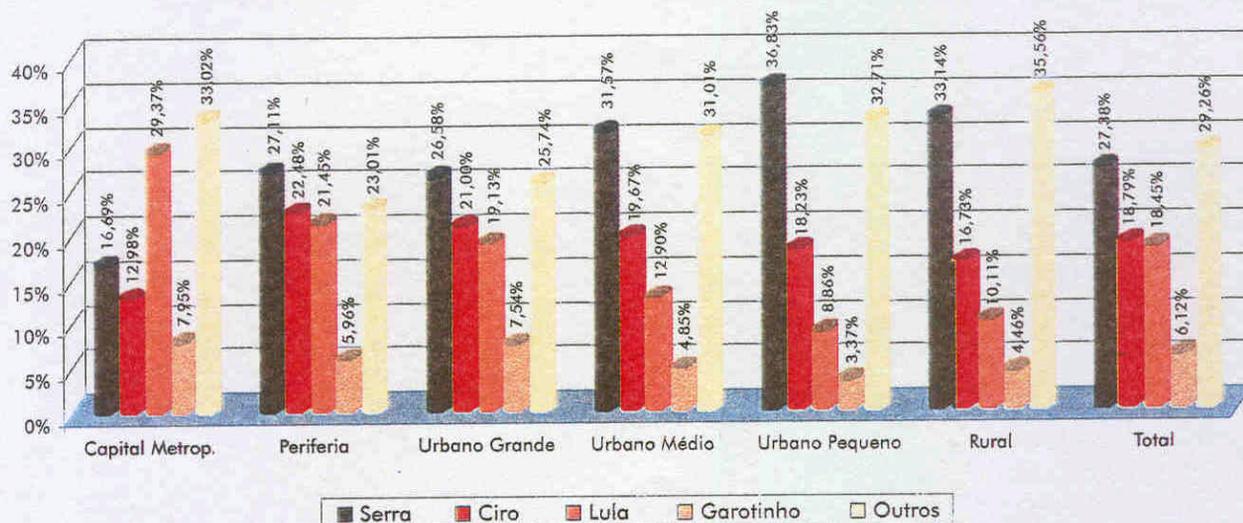
Mas nenhuma pesquisa eleitoral consegue replicar com perfeição o apertar de botões da urna.

Optamos aqui por analisar os resultados do primeiro turno das eleições de 2000 por cobrirem a totalidade do país, e não o segundo turno quando apenas são contemplados os municípios com mais de 200 mil habitantes cujo candidato a prefeito não conseguiu maioria absoluta. A frente PSDB/PMDB de Serra de hoje teve 27.4% dos votos, contra 18.5% da de Lula (PT/PL/PMN/PCdoB/PCB), 18.8% de Ciro (PPS/PTB/PDT) e 6.1% de Garotinho (PSB/PGT/PSC). Restariam 29.3% dos votos dados aos demais partidos onde o PFL (12.9%) e o PPB (8.2%) corresponderiam hoje ao *status* de fiel da balança.

Numa entrevista de Cesar Jacob da PUC-Rio publicada na penúltima *Conjuntura Econômica*, encontramos questionamentos acerca da representatividade da cobertura das pesquisas eleitorais em cidades menores. A composição espacial das mudanças das condições sociais do período de Crises Externas que antecederam o pleito municipal de 2000 é semelhante a do período atual. O ônus da crise metropolitana cai paulatinamente à medida que caminhamos a municípios menores até

GRÁFICO 1

Resultado das eleições de 2000 sob o olhar das composições de 2002



Categorias de tamanho de cidade: área rural (até 20 mil habitantes); a área urbana é subdividida em urbana pequena (20 mil a 50 mil habitantes), urbana média (de 50 mil a 100 mil habitantes) e urbana grande (mais de 100 mil habitantes até região metropolitana) e a área metropolitana subdividida em capital metropolitana e periferia.



TABELA 1

Modelos de regressão simples em relação à renda

Modelos	R ²	Elasticidade	t
% votos da base governista	20.1%	-0.22	-5.79
% votos da oposição	32.4%	0.23	7.99
% votos do PFL	16.3%	-0.14	-5.10
% votos do PMDB	0.2%	0.02	0.54
% votos do PPB	2.2%	0.04	1.74
% votos do PSDB	1.8%	-0.05	-1.56
% votos do PDT	8.6%	0.08	3.53
% votos do PT	27.6%	0.15	7.13

chegarmos ao bônus dos novos programas sociais das áreas rurais. A atual frente de Lula ganharia nas capitais metropolitanas de 29% contra 17% de Serra e 13% de Ciro. Este desempenho seria gradualmente revertido à medida que caminhamos em direção a municípios menores. Por exemplo: nas cidades pequenas Serra vira o jogo 37% contra 17% de Ciro e 10% de Lula, desempenho similar ao das áreas rurais e cidades médias. A frente de Garotinho compartilha do viés metropolitano de Lula. Já os números metropolitanos de Serra e de Ciro subestimam as suas respectivas performances nos gro-
tões de miséria.

A antecipação da discussão eleitoral ocorrida este ano, me fez lembrar daquela anedota do jogador de futebol em final de carreira com insegurança sobre sua performance sexual. O jogador, após ver a propaganda do Pelé na televisão, toma coragem e pede, ao médico do clube, um remédio para turbinar seu encontro com a nova namorada. Mais tarde, o médico liga para o jogador e pergunta: e aí, como foi? Resposta: Doutor, foi um sucesso! Já tive três orgasmos!!! O único problema é que a minha namorada ainda não chegou em casa!

Agora, quando o artigo for publicado estaremos na época do pleito, o que me faz lembrar de uma outra anedota do saudoso Juca Chaves: o médico da anedota acima criou um seminário sobre problemas sexuais e suas soluções. Em frente de um auditório cheio o médico pergunta: quem faz sexo todo dia, levante a mão. Levantaram 20% da platéia; aí o médico pergunta quem faz sexo três vezes por semana: 40% levantam. Uma vez por semana: 25%; uma vez por quinzena: 14%; uma vez por mês: ninguém; uma vez a cada dois meses: ninguém; uma vez por ano: ninguém; uma vez a cada dois anos: ninguém. O médico, já quase desistindo, pergunta: uma vez a cada quatro anos? Aí levanta um velhinho excitadíssimo dizendo, eu, eu, eu... Aí o médico chega para o velhinho e pergunta: se o senhor só transa uma vez a cada quatro anos, então por que o senhor está tão excitado? Aí o velhinho responde: porque é hoje, é hoje, é hoje...

MAPA DAS ELEIÇÕES 2000

Os resultados das eleições municipais de 2000 constituem um termômetro sobre as preferências políticas da população em diferentes localidades e seus possíveis determinantes. Usamos aqui como variável explicativa a renda per capita e a explicada proporção de votos obtidos no primeiro turno dividida em três grupos: base governista, oposição e sem situação usan-

do como critério de classificação as posições assumidas em relação às votações no Congresso e por meso-região. De acordo com estes modelos de regressão simples usando dados de meso-regiões tal como ilustrado no mapa. Os modelos para os partidos PMDB, PSDB e PPB apresentaram estatísticas não-significativas. Os demais modelos apresentaram estatísticas significativas. Os modelos do resultado das eleições elaborados para a oposição foram mais explicativos do que os da base governista.

Nos modelos da base governista e do PFL verificamos uma relação negativa. Para a oposição e para o PT, com estatísticas mais significativas, isto é, o R^2 mais elevado do que os modelos para a base governista, o resultado é inverso (Tabela 1). Quanto maior a renda da localidade maior o percentual de votos para a oposição, a cada 10% a mais de renda a proporção de votos na oposição sobe 2.2% enquanto os votos da base governista cai na mesma magnitude. Este resultado é consistente com a idéia que os votos da base governista cresce nos gro-
tões de miséria brasileira (vide Mapa 1 e Gráfico 2).

QUE PARTIDO É TEU?

Focalizamos agora aqui a nossa análise empírica de um suplemento especial publicado pela PME/IBGE sobre associativismo e decisão política que foi a campo em junho de 1996. A análise se restringe a cerca de 38 mil domicílios então entrevistados nas seis principais metrópoles brasileiras. O nosso objetivo é analisar o nível de renda de simpatizantes dos diferentes partidos políticos, um dado mais estrutural, por suposto, do que as intenções ou realizações de votos. As taxas de afiliação formal em partidos políticos são pequenas; especialmente se levarmos em conta o fato da nossa análise estar restrita para as seis principais regiões metropolitanas do Brasil. Dada a baixa taxa formal de afiliação a partidos políticos usaremos conceito menos restritivo de ter simpatia por partidos políticos (%). Os resultados qualitativos produzidos pelos dois conceitos indicam que a simpatia partidária é percebida como um bem de luxo.

Agora, quando desagregamos partidariamente a composição das simpatias, observamos que o PT é o partido mais popular entre aqueles que têm simpatia, em todos os segmentos econômicos da população. Porém, as simpatias pelo PT e pelo PSDB são maiores entre os segmentos mais abastados da população metropolitana e o oposto se dá com o PMDB.

e - m a i l : mneri@fgv.br

MAPA 1

Proporção de votos no 1º turno - Governistas por mesorregião (Brasil, 2000)

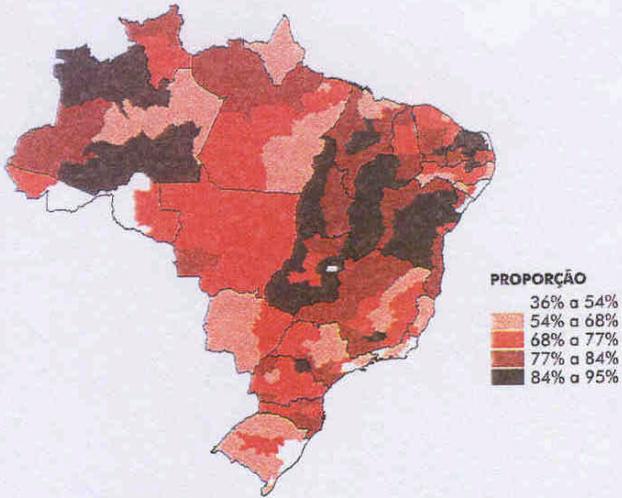


GRÁFICO 2

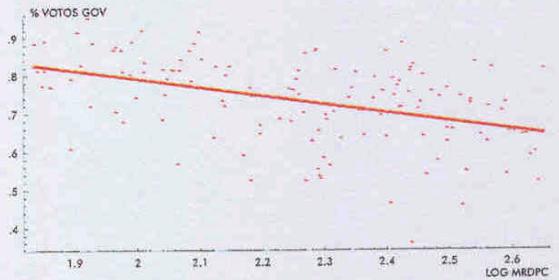
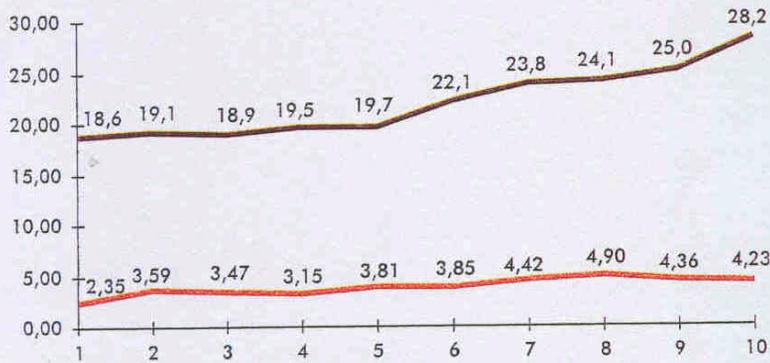


GRÁFICO 3

Filiado ou tem simpatia (por décimos de renda per capita)

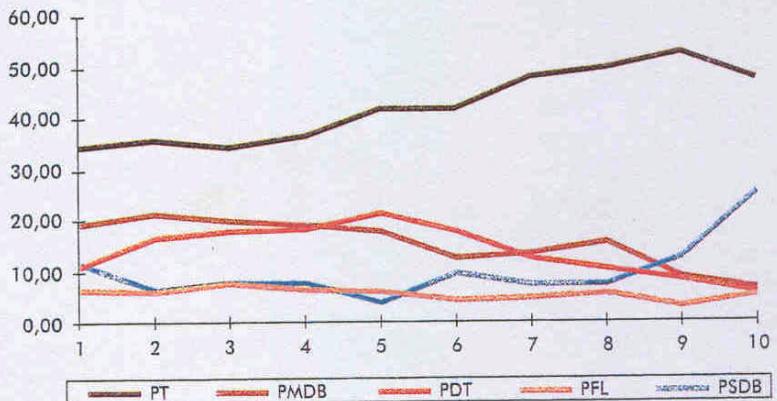


Fonte: PME/IBGE

Filiado Tem Simpatia

GRÁFICO 4

Composição das simpatias por partidos políticos (por décimos)



Fonte: PME/IBGE

